

# OS POVOS INDÍGENAS E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO COMO RECURSO EAD NA DEFESA E DIFUSÃO DE SUAS CULTURAS

*Data da Submissão: 06/07/2023*

*Data de aceite: 01/09/2023*

**Ricardo Valim**

Instituto Federal de Educação Ciência e  
Tecnologia de Rondônia - IFRO  
Fundação Universidade Federal de  
Rondônia - UNIR  
Porto Velho - RO  
<http://lattes.cnpq.br/3074004049762932>  
ORCID: 0000-0002-7790-6148

a sobrevivência epistêmica dos povos  
indígenas brasileiros contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indígenas;  
Tecnologia; Defesa; Difusão; Culturas.

### INDIGENOUS PEOPLES AND THE USE OF INFORMATION TECHNOLOGIES AS A RESOURCE EAD IN THE DEFENSE AND DISSEMINATION OF THEIR CULTURES

**RESUMO:** O assunto abordado nesta pesquisa será a importância das novas tecnologias para os povos indígenas. O objetivo é analisar o fenômeno da utilização das tecnologias da informação pelos povos originários em favor de sua proteção e perpetuação de suas culturas. A relevância desta pesquisa reside no fato ampliar ainda mais os horizontes reflexivos sobre a importância da disseminação epistêmica indígena em nossa sociedade. A metodologia utilizada nesta pesquisa é de cunho teórica utilizando como fontes a internet e bibliográfica com o uso de autores como Léon Cadogan (1959) e Daniel Munduruku (2012) que em sua obra faz um retrospecto do ativismo educacional do Movimento Indígena Brasileiro de 1970 a década de 1990. Conclui-se que o uso das tecnologias é indispensável para

**ABSTRACT:** The approached issue in this research will be the importance of new technologies for indigenous peoples. The aim is to analyze the phenomenon of the use of information technologies by native peoples in favor of their protection and perpetuation of their cultures. The relevance of this research resides in the fact that it increases even more the reflective horizons on the importance of indigenous epistemic dissemination in our society. The methodology used in this research is a theoretical nature using the internet and bibliography as sources with the use of authors such as Léon Cadogan (1959) and Daniel Munduruku (2012) who in his work makes a retrospective of the educational activism of the Brazilian Indigenous

Movement from 1970 to 1990s. It has concluded that the use of technologies is essential for the epistemic survival of contemporary Brazilian indigenous peoples.

**KEYWORDS:** Indigenous; Technology; Defense; Diffusion; Cultures.

## 1 | INTRODUÇÃO

De forma introdutória pode-se dizer que o assunto abordado nesta pesquisa será a importância das novas tecnologias para os povos indígenas. O objetivo é analisar o fenômeno da utilização das tecnologias da informação pelos povos originários em favor de sua proteção e perpetuação de suas culturas. A relevância desta pesquisa reside no fato ampliar ainda mais os horizontes reflexivos sobre a importância da disseminação epistêmica indígena em nossa sociedade.

Ao iniciar este estudo se faz necessário buscar responder a uma questão essencial para a pesquisa: o que seria a tecnologia para os povos indígenas? Essa pergunta é importante porque o imaginário de grande parte das pessoas ainda é povoado por imagens românticas dos povos indígenas como pessoas que vivem isoladas em meio às matas. Estariam estes seres humanos isolados apenas vivendo e vivenciando suas culturas sem qualquer tipo de contato com os demais seres humanos, sobretudo, os ditos civilizados. Essa mentalidade fantasiosa do século XVI não deve possuir mais espaço na atual conjuntura social a que pertencemos.

Ao longo do tempo, provou-se, os povos originários amplamente capazes de se adaptar a culturas e realidades que não as suas de origem para que pudessem sobreviver e resistir diante das inúmeras mudanças pelas quais atravessa. Deste modo entende-se que a tecnologia tem papel de destaque na vida destes povos, não para afastá-los de suas tradições, mas justamente pelo contrário, a tecnologia hoje é vista como ferramenta para a preservação, manutenção, divulgação das tradições.

A tecnologia EaD neste contexto visa o fortalecimento das raízes ancestrais e a sua difusão como forma de se tornar uma fonte de aprendizagem significativa para todo aquele que não faz parte da realidade da comunidade tradicional.

É fato que todo o conhecimento até então era passado de geração a geração através da tradição oral nas culturas indígenas originárias brasileiras. Mas com o passar do tempo e o advento das novas tecnologias tudo mudou radicalmente. Um exemplo, são os textos míticos dos Mbyá Guarani, o Ayvu Rapyta, que até então eram passados de uma geração a outra somente para certos membros da comunidade. Porém, em idos dos anos cinquenta através do intenso trabalho de um estudioso paraguaio chamado León Cadogan (1959) esta tradição oral pela primeira vez era registrada de forma escrita em caracteres ocidentais, a saber o espanhol. Deste modo a tradição dos Mbyá Guarani pode agora contar com mais um instrumento para a sua manutenção e perpetuação na história que ultrapassa, agora, as fronteiras de seus territórios epistêmicos originários e chega até

nossos espaços dialógicos acadêmicos e literários.

Neste mundo acadêmico cada vez mais observa-se o surgimento de novos intelectuais indígenas comprometidos com a causa de sua gente e que fazendo uso dos conhecimentos da acadêmica os unem as suas tradições como uma forma de fortalecer ainda mais as suas raízes epistêmicas.

O conhecimento tradicional aliado ao mundo acadêmico permite uma ampliação dos horizontes de saberes levando a comunidade tradicional a um novo patamar de diálogo. Com o uso das novas tecnologias como as câmeras, celulares, computadores e tantos outros dispositivos tecnológicos, os conhecimentos ancestrais dos sábios das comunidades podem agora serem preservados para a posteridade.

Agora vemos uma união completa entre a sabedoria ancestral dos pajés, que são eles mesmos biotecas vivas da sabedoria, em sintonia com os meios de comunicação. Esses registros epistêmicos são importantes porque permitem a seguridade contra o desaparecimento das línguas originárias como é o caso das muitas que já desapareceram ao longo do tempo sem deixar vestígios. Exemplo típico disso, em pleno século XXI, é o caso do assim rotulado “Índio do Buraco” aqui em Rondônia, último sobrevivente de uma etnia desconhecida, com língua desconhecida que fora praticamente dizimada durante as décadas de 1980 e 1990 vindo a falecer na completa solidão em Agosto de 2022, segundo as autoridades responsáveis.

Outro fator importante a destacar é que o indígena que faz uso da tecnologia não deixa de ser indígena. Pelo contrário, mostra uma atitude de abertura para o mundo e isso ficou evidente durante a pandemia quando comunidades indígenas fizeram uso da educação a distância (EaD) para manter em dia seu aprendizado.

A essência indígena permanece intocada juntamente com suas tradições o que muda é apenas o modo de transmissão, de luta e de sobrevivência. Esse processo evita o desaparecimento de povos e culturas como muitas vezes ocorreu no passado pelo fato de levar essas vozes indígenas, agora, à demarcação, não mais somente de terras, mas de telas digitais também, de novos espaços e laços midiáticos.

Essa atitude decolonizadora possibilita um combate direto à invisibilização do ser indígena que pode e deve estar onde ele quiser enquanto ser humano e cidadão de direitos. É preciso ressaltar ainda que estes espaços não foram cedidos por boa vontade, mas sim foram conquistados com na luta de gerações de indígenas buscando mais visibilidade e proteção para seus territórios. Como é o caso da etnia Uru-Eu-Wau-Wau aqui de Rondônia que faz uso da tecnologia no combate as ameaças da grilagem de terras e a extração ilegal de madeira, com a ajuda de drones.

A metodologia utilizada nesta pesquisa se deu em fontes da internet e bibliográfica com o uso de autores como o já mencionado Léon Cadogan (1959) e Daniel Munduruku (2012) que em sua obra faz um retrospecto do ativismo educacional do Movimento Indígena Brasileiro de 1970 a década de 1990. Portanto, todo o processo de construção

do estudo se deu de forma teórica o que possibilita uma fundamentação atualizada para o estudo revelando estes novos espaços de saberes que vêm sendo utilizados pelos povos originários.

Deste modo pode-se construir um argumento lógico e fundamentado na realidade vivenciada pelos povos indígenas e no uso que tem feito da tecnologia para educar e sensibilizar de forma significativa, mesmo a distância, a todos os que fizerem uso dos meios de comunicação para o uso consciente e a preservação do meio ambiente.

O desenvolvimento deste trabalho é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO *Câmpus* Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital N° 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

A conclusão que se chegou nesta pesquisa é a de que o uso das tecnologias é indispensável para a sobrevivência epistêmica dos povos indígenas brasileiros contemporâneos. Como foi visto sua sabedoria tradicional, agora transmitida de forma EaD, é capaz de transcender os espaços territoriais das comunidades indígenas e chegar até os grandes centros urbanos com precisão e velocidade. Assim, é possível alcançar a construção de uma sociedade em que de fato, todos sem exceção, têm o direito de ir e vir e, sobretudo, a plena liberdade de expressão segundo sua consciência.

## **2 | A LITERATURA COMO AVANÇO TECNOLÓGICO PARA A COMUNICAÇÃO INDÍGENA**

A cada dia surgem novas tecnologias que prometem atualizações e melhorias para as pessoas. Basta tirar por exemplo as quase que diárias atualizações que são requeridas pelos aplicativos nos celulares. Essas atualizações trazem consigo a promessa de mais velocidade, melhor definição de imagens e novas ferramentas.

Essas mudanças afetam diariamente bilhões de pessoas em todas as partes do mundo e são compreendidas como absolutamente necessárias porque fazem parte do processo de evolução do ser humano em sociedade. O que diria Aristóteles hoje das pessoas tendo ele no passado lançado mão de uma definição antropológica de ser humano como “animal político”? (ARISTÓTELES, 1999, p.146). Responder a esta pergunta é

importante por que Aristóteles compreendia a seu modo que “um cidadão é uma parte da comunidade, como o marinheiro é em relação à tripulação” (ARISTÓTELES, 1999, p. 216).

Certamente na passagem de milênios as relações sociais mudaram bastante, muitos elementos que não faziam parte do contexto histórico em que o filósofo grego já citado vivia foram desenvolvidos conforme sua necessidade. Como poderia-se definir adequadamente as relações hoje? estaríamos menos políticos por estarmos menos sociáveis? Aliás, a humanidade está menos sociável? É importante se questionar sobre essa mudança de perspectiva porque, como se sabe, “o homem só pode realizar sua natureza de homem na e pela cidade” (WOLFF, 1999, p. 20). E dentre essas mudanças pelas quais passou a humanidade pode-se citar por exemplo, até mesmo o encontro de culturas ocorrido entre o chamado “velho continente” e o “novo” mundo. Um verdadeiro encontro de cosmovisões no qual ainda não tinha-se maturidade para compreender que mais importante que a soberania imperialista de uma cultura é a sua diversidade.

Já na década de cinquenta através do trabalho de León Cadogan (1959) na obra intitulada “Ayvu Rapyta” se tem o registro escrito da tradição oral Mbyá Guarani em caracteres ocidentais, a saber o espanhol. Esta obra é um verdadeiro compêndio dessa tradição que acreditava-se na época não ter ainda sofrido influências do cristianismo. Nela encontram-se elementos importantes sobre a origem da vida, elementos sobre a cosmovisão, a ética, a agricultura, espiritualidade, relações pessoais e com a natureza.

Os povos originários brasileiros certamente tem uma longa tradição de passagem de saberes pela via da oralidade. Seus saberes ancestrais são passados de geração em geração de forma que se perpetuem nos corações e mentes de seus semelhantes ao longo do tempo. Suas reservas de significados permanecem apesar das dificuldades encontradas ao longo do tempo, como por exemplo, o processo de colonização das américas. Neste processo seus corpos, seus saberes e suas cosmovisões foram tratados como se fossem apenas feitiçaria, mitologia. Isso porque não atendiam aos critérios basilares das ditas sociedades desenvolvidas européias com sua racionalidade, suas estruturas consolidadas de governo, sua teologia e sua longa tradição filosófica.

É sentido até nossos dias os impactos de tamanho encontro em nossa cultura, nas artes, no modo como pronunciamos nossa língua, nas comidas que alimentam nossos corpos e na espiritualidade que alimenta a alma das pessoas. Também é sentida por demais, por parte principalmente das populações indígenas originárias de nossa pátria tupiniquim a exclusão, a ausência de reconhecimento dos seus valores tradicionais. No entanto, estes povos ao longo do tempo vão tomando ciência de sua realidade e sobretudo, vão lutando pela suas identidades, para que, não sejam elas diluídas em meio a cultura ocidental hegemônica.

Numa perspectiva decolonizadora que aponta para a superação de um modelo de pensamento eurocêntrico provinciano com pretensões de universalidade que descarta e marginaliza as periferias existenciais de seres considerados subalternos por não atenderem

aos critérios da razão ocidental a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dá um salto qualitativo, sobretudo, nos artigos 231 e 232.

[...] a atual Constituição Federal trata dos direitos dos povos indígenas de forma transversal, ampla e inovadora, ao reconhecer que reside na diversidade cultural e não na incapacidade civil a necessidade de proteção jurídica especial destinada aos povos indígenas, o que possibilitou a elaboração, nos anos que se seguiram, de farta legislação infraconstitucional indigenista, contemplando essas minorias com o direito à diversidade étnica, linguística e cultural, sem prejuízo de suas prerrogativas como cidadãos brasileiros (MUNDURUKU, 2012, p. 37).

Em suas linhas régias são delineados os contornos da edificação de um Estado forte, soberano e que de fato está em escuta e acolhida a demanda proveniente de sua população, sempre respeitando a imensa diversidade que compõe seu espaço territorial. Se estabelecem assim os sinais de novos tempos com todas as suas alegrias e esperanças.

A superação de um modelo de pensamento eurocêntrico provinciano com pretensões de universalidade é importante porque de certa forma é uma forma de violência praticada contra esta minoria específica:

[...] à experiência da violência original e por meio das histórias em que essa mesma violência original foi dinamizada ao longo do tempo, temos a emergência de novas perspectivas relativamente ao que fomos, ao que somos e ao que precisamos fazer enquanto sociedade brasileira de um modo mais geral. Esse grito público do indivíduo feito menor e esse ativismo político das minorias, por conseguinte, expressam, por um lado, a permanência dessa atitude de violência original aplicada em termos de colonização como justificção para o embranquecimento e a modernização da cultura e de nossos povos fundadores (os/as indígenas e os/ as negros/as, portanto, como medidos, enquadrados e avaliados pela métrica do embranquecimento como ideal moral, humanizador e civilizacional) [...] (DANNER, L.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 70-71).

Por isso a Constituição Federal de 1988 torna-se um importante feito evolutivo dentro da sociedade brasileira. É a sistematização, a concretização de elementos que carecem de cuidados e atenção, sobretudo, com relação às populações indígenas.

É fato que de tempos em tempos surgem ameaças reais aos povos originários. Talvez o grande problema esteja ligado a uma ignorância arraigada que teima em permanecer apesar dos sinais dos tempos que clamam por uma abertura sempre crescente para compreender que o outro é ser humano como eu, como você, como qualquer um de nós e por isso ele é cidadão de direitos e responsabilidades. É indiscutivelmente o fato da importância que tem para um povo ter um documento que expressa em suas linhas de forma minuciosa e concisa o respeito a diversidade, suas cosmovisões, tradições, culturas.

A grande mudança aconteceu quando os indígenas perceberam que precisavam fazer algo para que as coisas viessem a acontecer e essa mudança ocorreu com a entrada dos mesmos no âmbito do sistema jurídico, sobretudo, na elaboração da constituição

federal. era necessário para mudar o sistema entrar no sistema, exemplo disso foi o discurso de Ailton Krenak na Assembléia Nacional constituinte requerendo como sujeito histórico os direitos para todos os povos indígenas além de incluir um capítulo sobre a causa indígena na constituição.

As questões indígenas na Constituição não aparecem por boa vontade, mas como resultado de sujeitos históricos que ingressam na luta por garantir e assegurar seus direitos como cidadãos, se tornaram protagonistas da sua própria história e abandonando para sempre o modelo em que eram dominados e agora são atores principais de sua história.

Mas o processo literário indígena brasileiro contemporâneo só terá sua difusão a partir da Constituição Federal de 1988 e do Movimento Indígena Brasileiro que requerendo uma mudança paradigmática na sociedade brasileira encontra na literatura e nos meios de comunicação uma oportunidade para se manifestar. Seus saberes que antes provinham da palavra falada, agora encontram na palavra escrita a chance de perpetuar suas epistemologias e garantir a transferência de saberes por meio da fixação da oralidade na escrita ocidental.

A partir deste ponto surge um encontro de culturas por um lado a dinâmica da tradição oral e suas respectivas cosmovisões, do outro a carga normativa das línguas ocidentais. Esta junção permite a sistematização dos saberes, bem como também além da sua possibilidade de ampla difusão a perpetuação de antigos saberes.

Se apropriando da palavra escrita os povos originários para serem ouvidos permitem-se aprender o idioma ocidental e a partir dele compreender um universo que está para além das tradições indígenas que tem suas origens perdidas nas areias do tempo.

A literatura torna-se então palco para que os povos indígenas possam se expressar à sua maneira. Sua poética, suas cores, seus grafismos agora são os elementos condutores para o conhecimento de uma trajetória própria e autêntica dos povos originários.

A escrita que desde sempre foi uma importante ferramenta para facilitar a comunicação agora, mais uma vez, permite que os povos indígenas possam manifestar-se com voz política atuante, militante na defesa de seus direitos.

A Constituição Federal de 1988 nos artigos 231 e 232 assegura certos direitos aos indígenas, porém somente isso não basta, é preciso contar com a força da palavra escrita que continua a denunciar, requerer, ensinar que ainda existem muitos desafios a serem superados.

### **3 | O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA DEFESA E DIFUSÃO DAS CULTURAS INDÍGENAS**

Além da já referida tecnologia da literatura que vem sendo usada pelos povos indígenas como forma de perpetuar seus saberes por meio da palavra escrita, há também outras ferramentas que vêm se destacando, como por exemplo, os perfis em redes sociais.

Nestes perfis<sup>1</sup> à juventude indígena brasileira contemporânea tem exposto em sua grande maioria a luta pelas questões indígenas. Pode-se citar alguns exemplos tais como:

Wariu, teve seu primeiro vídeo publicado em 2017. Seu canal possui diversos conteúdos. Wariu é proveniente de Parabubure, que fica na região do Vale do Araguaia - MT. Outro nome importante é de Ysani Kalapalo da Terra Indígena do Xingu, Ysani seu canal também possui diversas temáticas sempre atuais.

No campo da música se destaca Kaê Guajajara, rapper indígena que, por meio de sua arte, consegue revelar o mundo indígena a seus seguidores. Outro nome importante da música indígena é Kunumi MC. Katú Mirim também é rapper, suas letras falam de questões indígenas importantes a serem discutidas na atualidade.

Guga Kalapalo, cacique da aldeia Tehuhungu no Xingu. Em seus vídeos procura mostrar a realidade de sua comunidade e fazer denúncias necessárias. O professor indígena Benício Pitaguary, compartilha em seus vídeos a arte do grafismo e a sabedoria ancestral de seu povo.

E por fim, Alice Pataxó que se destaca também como influenciadora no seu perfil no Instagram.

Estes indígenas através de suas manifestações por diferentes campos e pelas plataformas digitais têm verbalizado sobre sua identidade, sua cultura, sobre demarcação de terras, questões relativas à sexualidade, política. Percebe-se que esta nova geração tem rompido com aquela ideia romântica do índio como sendo alguém do passado distante. Diferente disso, nota-se essa presença indígena fazendo demarcação de novos espaços midiáticos e tecnológicos com a finalidade de se posicionar e defender suas identidades.

O perfil do indígena do século XXI, antenado, conectado, linkado em novos espaços têm ampliado os espaços de militância o que é muito positivo porque permite justamente uma nova forma de se comunicar e dialogar.

A sabedoria ancestral dos pajés, que são eles mesmos fontes vivas da sabedoria, está em sintonia com os meios de comunicação. Abordados por esta nova geração estes registros epistêmicos são importantes para minimizar a possibilidade de desaparecimento das línguas e tradições originárias que agora são transmitidas em contornos tecnológicos.

Durante os eventos dramáticos da Covid-19 aqui no Brasil viu-se como era de fato necessária a tecnologia como forma de minimizar e até mesmo controlar o surto da doença. A tecnologia também foi importante para os povos indígenas de regiões do Brasil, como é o caso da Amazônia. Neste ponto foi importante a atitude da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) que buscou conectar as mulheres indígenas nos nove estados amazônicos da Federação. Porque estas lideranças entenderam que ferramentas e plataformas tecnológicas são importantes para continuar lutando para que essa união continue crescendo não somente na região amazônica, mas pelo Brasil todo.

---

<sup>1</sup> Para informações adicionais sobre estas personalidades indígenas podem ser conferidas em diversos vídeos presentes na plataforma Youtube e identificados nas referências desta pesquisa.

## 4 | RECURSOS E ADEPOVOS INDÍGENAS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS: NOVOS ESPAÇOS E LAÇOS DE COLONIAIS-FILOSÓFICOS

Como visto anteriormente os espaços digitais tem se tornado o palco de ações importantes para as culturas dos povos originários brasileiros.

Com a demarcação desses territórios digitais os indígenas têm requerido uma série de direitos para si. Isso é importante por revelar sua autonomia e habilidade neste mundo digital. Desta forma são perpetuados os saberes originários e quebrados os grilhões dos velhos preconceitos que parecem compreender o indígena apenas como um ser do passado.

É interessante observar este movimento de algumas personalidades indígenas para elaborar uma reflexão sobre o processo que tiveram que passar historicamente de epistemicídio, direitos garantidos em constituição e agora acesso a tecnologia. É preciso ressaltar ainda que estes espaços não foram cedidos por boa vontade, mas sim foram conquistados com na luta de gerações de indígenas buscando mais visibilidade e proteção para seus territórios.

As possibilidades de se trabalhar a partir da tecnologia são múltiplas. Aqui em Rondônia, por exemplo, o povo Uru-Eu-Wau-Wau faz uso da tecnologia no combate as ameaças da grilagem de terras e a extração ilegal de madeira, com a ajuda de drones. Em Rondônia possui-se como destaque também a parceria estabelecida em 2006 entre o povo Paiter Suruí e o Google:

Ao tomar conhecimento do projeto de preservação e sustentabilidade da floresta, o Google disponibilizou, junto ao departamento Google Earth, através de sua gerente Rebeca Moore, uma proposta de desenvolvimento tecnológico e capacitação via oficinas, com ferramentas que permitiram a possibilidade de um novo estágio de defesa no preparativo dos Paiter-Suruí para sua inserção digital e seu protagonismo social (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019, p. 302).

Esta parceria é de importância na medida em que auxilia através da tecnologia um importante projeto de preservação no território do povo Paiter. É importante ressaltar que não é somente o meio ambiente que sai ganhando sendo preservado pelo povo indígena munido da tecnologia, mas sim, o próprio povo ganha ainda mais autonomia para desenvolver suas atividades dentro e fora da comunidade. O acesso à informação é indispensável nesta segunda década do século XX para a perpetuação e manutenção das tradições originárias.

Dessa forma a comunidade recebe um novo status social, não mais como pensa aquela mentalidade do século XVI que vê o indígena como algo do passado, mas os vê como o que são, cidadãos do século XXI:

[...] os Paiter-Suruí passaram a ser reconhecidos como os “índios da internet”. Organizados e conectados, eles criaram um Parlamento Paiter, estabeleceram uma política de sustentabilidade, preservação ambiental da floresta e negociam internacionalmente pelo seu Projeto Carbono Suruí.

A sua história não é mais contada por terceiros, visto que assumiram a condição de narradores de sua cultura para o mundo ao compreender as novas fronteiras ditadas pela tecnologia da informação (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019, p. 303).

Em um tempo de transformações e busca pela sustentabilidade, os créditos de carbono são uma importante ferramenta para ajudar a incentivar a proteção ambiental e o cuidado no trato com a natureza. Além de se tornarem conhecidos no Brasil também essas comunidades têm sua visibilidade no exterior, justamente pela possibilidade que os meios de comunicação possibilitam.

Outro fato importante a destacar é que neste processo o povo Paiter Suruí tem nas mãos a possibilidade de contar sua própria história com um protagonismo próprio. Ao longo do tempo os povos indígenas foram catalogados e definidos a partir de conceituações ocidentais, mas agora, a história contada por eles mesmos sobre si mesmos ganha contorno de autenticidade.

Se apropriando da tecnologia na defesa de seus espaços geográficos e implementando o Projeto de Carbono os Paiter Suruí podem realizar aquilo que é próprio de sua cultura, a relação de sentido existencial com a natureza.

O Projeto Carbono Suruí é uma realidade e se mostra como uma opção em sintonia com as propostas de preservação ambiental mundial e de combate ao aquecimento global. Muito de seu sucesso está atrelado à referência cultural que os Paiter-Suruí têm na sua relação com a floresta e na opção de manter tanto a tradição, quanto o seu local de nascimento, o que lhes dá o sentimento de pertencimento e identidade. Esse processo se dá pela apropriação social de fato (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019, p. 304).

A demarcação do território tecnológico dentro de suas vantagens já elencadas aponta para um futuro que previne a extinção de culturas. Parece exagero em usar o termo extinção, mas não é sem razão que é aplicado. Exemplo típico disso, em pleno século XXI, é o caso do assim rotulado “Índio do Buraco” aqui em Rondônia, último sobrevivente de uma etnia desconhecida, com língua desconhecida que fora praticamente dizimada durante as décadas de 1980 e 1990 vindo a falecer na completa solidão em Agosto de 2022, segundo as autoridades responsáveis.

Suas narrativas, mitos, ritos, lendas, canções e poemas continuam a existir. A apropriação social não substituiu sua tradição oral. Ampliaram-se as expressões e a mídia digital passou a ser uma de suas apresentações. A preservação da cultura continua sendo pela oralidade, porém o compartilhamento virtual com outras culturas os anuncia ao mundo. Suas fronteiras se estenderam para além do território real, a sua expansão virtual lhes permitiu visibilidade e que, agora, sua voz ecoe (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019, p. 307).

Esse movimento real tem produzido frutos interessantes no sentido de visibilidade para a voz-práxis política e filosófica destes povos mostrando que os mesmos estão em busca de uma adaptação à cultura ocidental para que se estabeleça assim um diálogo. Não

objetiva-se aqui neste ponto qualquer diálogo, mas sim, um diálogo que de fato seja eficaz na medida em que solucione questões essenciais para os povos indígenas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto entende-se que a tecnologia EaD neste contexto visa o fortalecimento das raízes ancestrais e a sua difusão como forma de se tornar uma fonte de aprendizagem significativa para todo aquele que não faz parte da realidade da comunidade tradicional.

É preciso destacar que estas raízes ancestrais estão intimamente ligadas à natureza. Seu lugar de fala agora se posiciona em outros espaços que são os meios de comunicação propagando assim os saberes originários.

A trajetória até aqui para estes povos não foi fácil e cada espaço desses teve que ser conquistado com muita luta. Considerados ao longo do tempo como primitivos demonstram com habilidade que visões retrógradas como estas não fazem sentido. Por meio de múltiplas maneiras peculiares tem transmitido seus ensinamentos e conscientizando seus ouvintes da importância que tem a causa indígena.

Conclui-se, portanto, que nesta ambiência de ciberespaço e com potencial de hipermediaticidade os povos indígenas seja pelo uso da literatura, da música, dos perfis nas redes sociais têm ressignificado suas histórias, reafirmado e fortalecido suas identidades pessoais e étnicas, revelando um lugar de fala que propaga e estimula a troca de saberes seja em nível local, nacional e até mesmo internacionalmente falando.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política** in Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AGÊNCIA FAPESP. **Plataforma On-line Mostra a Resistência Indígena Durante a Pandemia.**

Youtube, 29 de set de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ASE\\_ggg04GY](https://www.youtube.com/watch?v=ASE_ggg04GY). Acesso em: 24 out 2022.

**BBC News Brasil. Kunumi MC:** O Rapper Indígena que faz Versos sobre Demarcação de Terra.

Youtube, 6 de mar. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=szg8344QOSI>. Acesso em: 04 jul 2023.

BENICIO PITAGUARY. **Pintura Corporal e Grafismos indígena mais Torè no UFC.** Youtube, 22

de out. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rZqSF0nYRFU>. Acesso em: 04 jul 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/C\\_onstituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/C_onstituicao.htm). Acesso em: 09 nov 2022.

CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta** – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim N° 227/ antropologia n° 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

CENARIUM AMAZÔNIA. **Tecnologia nas Aldeias**: indígenas de Rondônia monitoram territórios com uso de drones. Youtube, 23 de set de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFQxqDuAqXg>. Acesso em: 24 out 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. **Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira**. Alea, vol. 22, n° 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. **Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários**. Scripta, vol. 24, n° 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DW Brasil. **Conheça a ativista digital Indígena Alice Pataxó**. Youtube, 05 de jul de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h8DN7kvyOEE>. Acesso em: 24 out 2022.

GUGA KALAPALO. **Comemoração De Arrecadação Do Polvilho Para A Cerimônia Kuarup**. Youtube, 16 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zIKaTCof4bM>. Acesso em: 04 jul 2023.

JORNALISMO VTV SBT. **Indígenas e Tecnologia**: como o mundo digital está inserido em meio aos costumes. Youtube, 23 de abr de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4vkoc8ZVFo4>. Acesso em: 24 out 2022.

JORNALISMO TV CULTURA. **Morre em Rondônia o Indígena Conhecido como “Índio do Buraco”**. Youtube, 27 de ago de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SNcJFw8eUjw>. Acesso em: 25 out 2022.

KAÊ GUAJAJARA. **Meu Respirar**. Youtube, 17 de set. de 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UvHoz2fa\\_Bk](https://www.youtube.com/watch?v=UvHoz2fa_Bk). Acesso em: 04 jul 2023.

KATU MIRIM. **Indígena Futurista**. Youtube, 4 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R7Lz6L9Nzyc>. Acesso em: 04 jul 2023.

LUÍS NICÁCIO. **Ailton Krenak** - Discurso na Assembleia Constituinte. Youtube, 16 de fev. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYICwl6HAKQ>. Acesso em: 05 jul 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Wallace Soares de; ALMEIDA, Marco Antonio. de. **Os Paiteir-Suruí e a Apropriação Social da Tecnologia, Informação e Comunicação**: Da Memória Oral para a Memória Digital. Informação & Informação, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 289–310, 2019. DOI: 10.5433/1981-8920.2019v24n3p289. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/36185>. Acesso em: 7 fev. 2023.

PACT COLOMBIA. **Conectadas**: Como a tecnologia fortalece a incidência política entre mulheres indígenas no Brasil. Youtube, 02 de fev. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C9jGC65rTyw>. Acesso em: 03 jul 2023.

RODA VIVA. **Txai Suruí e Almir Suruí**. Youtube, 29 de nov de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c685bptJSHo>. Acesso em: 24 out 2022.

THIÉL, Janice. **Pele Silenciosa, Pele Sonora**: A Literatura Indígena em Destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TSEREMEY'WA, Cristian Wari'u. **A Tecnologia como Ferramenta de Luta dos Povos Indígenas**. Wari'u Canal sobre os povos Indígenas. Apresentação, Produção, Roteiro e Edição: Cristian Wari'u Tseremey'wa. Publicado pelo Wari'u Canal sobre os povos Indígenas em 10 de Jul de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbfBBFPuwhU&list=PLJZqgt90wA-nTDHEc6Hu8VVbdRiRBWoiy&index=62>. Acesso em: 24 out 2022.

WARI'U. **A Tecnologia como Ferramenta de Luta dos Povos Indígenas**. Youtube, 10 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbfBBFPuwhU>. Acesso em: 04 jul 2023.

WOLFF, Francis. **Aristóteles e a Política**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

WWF-Brasil. **Indígenas Uru-Eu-Wau-Wau Aprendem a Usar os Drones na Defesa de seu Território**. Youtube, 03 de set de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r47Ba37npC8>. Acesso em: 24 out 2022.

YSANI. **Ratanabá**: Segundo os Índios. Youtube, 14 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPz3mBg6fAw>. Acesso em: 04 jul 2023.